

ALINE BRAGA DE SOUZA
DHARA ROTA ROSSI DE MELLO
CRISTIANE GORGATI GUIDORENI
ODETE ALVES PALMEIRA

O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOTRÓPICAS ENTRE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM*

PSYCHOTROPIC DRUG USE AMONG NURSES

Resumo

Objetivos: Entender como o uso de substâncias psicotrópicas está presente na vida dos enfermeiros, quais as possíveis consequências desse uso e analisar os fatores de envolvimento pessoal desses profissionais com os psicotrópicos.

Metodologia: Estudo transversal, quantitativo, realizado com 87 enfermeiros dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. A divulgação do questionário realizou-se através de redes sociais virtuais (WhatsApp e Facebook), listas de e-mails e demais plataformas digitais.

Resultados: De 87 enfermeiros que participaram do estudo, 77 (88,5%) disseram já ter feito uso de ao menos um dos psicotrópicos pesquisados. Depois do álcool, a classe de fármacos mais citada foi a dos tranquilizantes, sedativos ou calmantes. Vimos que mais da metade dos enfermeiros [49 de 87 enfermeiros (56,3%)] disse ter feito uso de algum tranquilizante, sedativo ou calmante em algum momento da vida. A terceira classe de psicotrópicos mais citada foi a dos analgésicos de ação central (codeína e tramadol).

Conclusões: Ficou evidente que os enfermeiros mais jovens e com um tempo de formação menor são os mais vulneráveis. Ressaltamos a necessidade de um olhar de toda a sociedade para essa categoria profissional, pois se quem cuida está adoecendo, quem cuidará?

Palavras-chave: Substâncias psicotrópicas, profissionais, enfermagem.

Abstract

Objectives: To understand how the use of psychotropic substances is present in the lives of nurses and the possible consequences of this use, and to analyze the factors of personal involvement of these professionals with psychotropic medications.

Methodology: This was a cross-sectional, quantitative study conducted with 87 nurses from the states of Rio de Janeiro, Minas Gerais, and São Paulo. The questionnaire was disseminated through virtual social networks (WhatsApp and Facebook), mailing lists and other digital platforms.

Results: Of the 87 nurses who participated in the study, 77 (88.5%) said that they had already used at least one of the psychotropic drugs surveyed. After alcohol, the most frequently cited class of drugs was tranquilizers, sedatives or calming agents. We observed that over half of the nurses (49 of 87; 56.3%) said that they had used some tranquilizer, sedative or calming agent at some point in their lives. The third class of psychotropic drugs most frequently cited was centrally acting analgesics (codeine and tramadol).

Conclusions: It was evident that younger nurses and those with fewer years of education are the most vulnerable ones. We emphasize the need for a society-wide look at this professional category. After all, what will happen if the caregiver gets sick?

Keywords: Psychotropic substances, professionals, nursing.

INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma profissão que apresenta certas características como carga horária muito elevada e extenuante, junto ao convívio com situações críticas de vida e morte, que colaboram para que

* Artigo apresentado ao Curso de Enfermagem do UNIFOA como requisito à obtenção do título de bacharel em Enfermagem.



os trabalhadores fiquem suscetíveis ao *stress* e ao adoecimento¹⁻³.

Fica claro que o enfermeiro exerce uma atividade extremamente desgastante, com uma rotina intensa e de grande responsabilidade, que acaba gerando situações de ansiedade, que acometem o indivíduo de forma tão avançada a ponto de estimular o uso de substâncias psicoativas na tentativa de aliviar as tensões diárias⁴⁻⁶. Essas substâncias costumam ser utilizadas para o aumento da sensação de bem-estar, sem prescrição médica, além de uso terapêutico^{7,8}.

A United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC), juntamente com a Organização Mundial da Saúde (OMS), relata sobre o tratamento e atenção às drogas, uma vez que cerca de 205 milhões de pessoas no mundo todo são consumidoras de drogas ilícitas, e 25 milhões delas se encaixam no quadro de dependência química, sendo que o consumo de drogas, ilícitas ou lícitas, faz parte dos 20 principais fatores de risco para a saúde no mundo e um dos 10 principais fatores nos países em desenvolvimento⁹.

Sabemos que o uso dessas substâncias psicoativas é considerado um problema global, que afeta tanto o setor social, econômico e político como a saúde em geral^{10,11}. Esta pesquisa fala sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre profissionais de enfermagem, sua vulnerabilidade e envolvimento pessoal. O interesse em realizar este estudo surgiu a partir de observações feitas através de artigos sobre o uso de substâncias psicoativas para alívio de problemas em âmbito familiar e do trabalho e sua banalização, pois sabemos o quão prejudicial é à saúde e à sociedade como um todo. Com esse estudo, o foco é analisar como o uso dessas substâncias psicotrópicas está presente na vida dos enfermeiros, descrever a visão dos enfermeiros acerca das consequências do uso de entorpecentes em sua vida, quais fatores os condicionaram a passar a utilizar essas substâncias e avaliar o conhecimento dos enfermeiros sobre os entorpecentes acerca de seus efeitos colaterais. No entanto, não apenas trataremos sobre substâncias psicoativas que estão disponíveis nos hospitais, mas também sobre o uso e abuso de álcool de uma forma geral, como uma questão de saúde do cuidador que necessita de análise quanto à sua prevalência e ao seu padrão de consumo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, observacional, de caráter quantitativo, que foi realizado através de um questionário autoaplicável sobre o uso de substâncias psicotrópicas entre enfermeiros.

Creswell¹² afirma que os métodos quantitativos envolvem o processo de coleta, análise, interpretação e redação dos resultados de um estudo.

O questionário é composto por perguntas objetivas e aplicado eletronicamente através da plataforma Google Forms.

A divulgação do questionário realizou-se através de redes sociais virtuais (WhatsApp e Facebook), listas de e-mails e demais plataformas digitais.

As variáveis estudadas foram: sexo, idade, estado civil, área de atuação, tempo de atuação, quantidade de vínculos empregatícios, prática, uso de álcool, uso de medicamentos psicoativos, tempo de uso, se foi receitado por profissional médico e se o início e manutenção do uso teve alguma relação com a atividade profissional.

Fizeram parte do projeto enfermeiros maiores de 18 anos que leram, concordaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (CAAE nº 09871119.1.0000.5237). Menores de 18 anos, pessoas que não se identificaram como enfermeiros ou, ainda, que não leram, concordaram e assinaram o termo de consentimento ficaram de fora da pesquisa.

As únicas perguntas obrigatórias do formulário foram a de aceitação do termo de consentimento e a data de nascimento, pois compõem nossos critérios de inclusão no trabalho.

Uma vez que a amostra foi ampla e bem diversa, fizeram parte do questionário perguntas referentes à caracterização sociodemográfica dos participantes para posterior estratificação.

Para garantir a não duplicidade das respostas do formulário, o acesso ao questionário exigiu um *login* na plataforma do Google. Vale ressaltar que nenhuma informação a respeito desse *login*, nem mesmo o endereço de IP (*internet protocol*) dos participantes, foi repassada pelo Google ou divulgada de qualquer maneira, de modo que a identidade dos participantes permanece totalmente anônima.

Assim que acessaram o questionário, os participantes visualizaram o termo de consentimento livre e esclarecido

ALINE BRAGA DE SOUZA
DHARA ROTA ROSSI DE MELLO
CRISTIANE GORGATI GUIDORENI
ODETE ALVES PALMEIRA

e, logo após, tiveram de responder se confirmavam ter conhecimento do conteúdo do termo, se concordavam em participar da pesquisa e, por isso, davam o seu consentimento. Sem tal etapa, o formulário não podia ser enviado.

Os questionários foram divulgados no período de abril a agosto de 2019. A tabulação dos dados foi gerada pela plataforma do Google Docs, e estes foram posteriormente analisados com o auxílio dos *softwares* Microsoft Excel 2016 e StatView v5.1. Para as análises inferenciais, foram consideradas estatisticamente significativas diferenças ou relações com nível de significância menor ou igual a 0,05 ($p \leq 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, 87 enfermeiros participaram da pesquisa sendo que a maioria dos destes foram do estado do Rio de Janeiro (85%).

Cerca de metade dos enfermeiros que responderam ao questionário tinha mais de 31 anos; ainda assim, 23% dos participantes tinham 21 anos ou menos.

Em relação ao tempo de formação, nossa amostra foi formada por 37,93% de enfermeiros com até 5 anos de formado; 32,18%, com tempo de formação entre 6 e 15 anos; cerca de 7%, entre 16 e 21 anos de formado; e 16,09% de enfermeiros acima de 21 anos de formação.

Nossa pesquisa avaliou o consumo das classes mais comuns de psicotrópicos entre os enfermeiros. Incluímos na pesquisa o consumo de álcool por conta da alta prevalência e dos efeitos desse psicotrópico no sistema nervoso central, mesmo reconhecendo as diferenças entre o consumo dessa substância e das demais drogas psicotrópicas avaliadas. Por conta disso, a análise dos dados referentes ao consumo de álcool será feita separadamente dos demais resultados, e estes serão relacionados apenas quando oportuno.

Ao todo, 77 enfermeiros (88,5%) disseram já ter feito uso de ao menos um dos psicotrópicos pesquisados, sendo que 54 afirmaram ter utilizado algum dos psicotrópicos no último mês (62,1%).

Se analisarmos o consumo apenas de psicotrópicos que não o álcool, encontramos que 63 dos 87 enfermeiros (72,4%) disseram ter feito uso de ao menos um dos psicotrópicos analisados: antidepressivos; Ritalina (metilfenidato); Dualid (anfepiramina); Pervitin

(metanfetamina); Codein (codeína); Tramal (tramadol); Apraz/ Frontal/Xanax (alprazolam); Rivotril (clonazepam); Gardenal (fenobarbital); outros sedativos ou hipnóticos (remédios para dormir); outros antiepiléticos; outros tranquilizantes ou outros anorexígenos. Mais da metade destes (32 enfermeiros) afirmaram ter consumido ao menos um desses psicotrópicos no último mês. Esse dado nos mostra que mais de 35% dos enfermeiros participantes consumiram psicotrópicos no último mês (Figura 1).

Compreendemos que os enfermeiros são vulneráveis ao consumo de psicotrópicos por lidarem diretamente com essas drogas no seu trabalho. Também existem outros fatores envolvidos, oriundos da exposição desse profissional ainda no trabalho, envolvendo a falta de cuidado para o cuidador, autoestima fragilizada, levando à falta de cuidado de si mesmo.

Comparando os resultados desta pesquisa com outros estudos, encontramos valores semelhantes aos nossos. Da população de enfermeiros pesquisada por Vieira et al.¹³, 70,5% afirmam fazer uso de alguma medicação como psicotrópicos, sendo 30% de uso contínuo com acompanhamento médico e 44% de maneira descontínua e com automedicação.

Também corroborando com a nossa pesquisa, Vieira et al.¹³ trazem que o consumo de substâncias psicoativas faz parte do cotidiano dos trabalhadores de enfermagem. Vale lembrar que, segundo o Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas (OBID), os medicamentos psicoativos (também denominados psicotrópicos) são substâncias capazes de atuar no sistema nervoso central, deprimindo-o (a exemplo dos álcoois, barbitúricos, benzodiazepínicos e opiáceos), estimulando-o (como as anfetaminas, a cocaína e o tabaco) ou perturbando-o (como a maconha, alucinógenos, anticolinérgicos, etc.).

Das 87 pessoas que responderam o questionário, vimos que 71,3% já consumiram álcool em algum momento da vida, sendo que, destes, 66,1% fizeram uso no último mês e 33,9% há mais de 1 mês.

Nos estudos de Kunik¹⁴ e Monroe & Kenaga¹⁵, foram avaliados o consumo de álcool e os comportamentos de saúde entre profissionais de enfermagem. Reconhece-se que há falta de capacitação profissional específica ou de educação continuada sobre o assunto, o que pode ser



um fator de risco para o uso dessas substâncias entre esses profissionais. Além do mais, fatores como medo de receber punição e exigências de manter a disciplina na conduta profissional dificultam a busca por apoio, o que pode resultar em comprometimento no desempenho profissional.

Sabemos que o uso de álcool de forma abusiva é um importante problema de saúde para vários profissionais, entre eles os enfermeiros. Mas parece que esse problema não vem sendo resolvido como deveria, já que muitos profissionais não buscam auxílio em programas de tratamento de dependência de substâncias, com medo de perder a sua licença e não poder mais atuar na área, e por não se sentirem vulneráveis aos efeitos do álcool, pois já têm conhecimento sobre o assunto.

Quando analisamos as respostas referentes ao consumo dos demais psicotrópicos, encontramos que, depois do álcool, a classe de fármacos mais citada foi a dos tranquilizantes, sedativos ou calmantes. Vimos que mais da metade dos enfermeiros, especificamente 49

de 87 enfermeiros (56,3%), disse ter feito uso de algum tranquilizante, sedativo ou calmante em algum momento da vida. A terceira classe de psicotrópicos mais citada foi a dos analgésicos de ação central (codeína e tramadol). Ao todo, 34 enfermeiros (39,1%) disseram já ter consumido algum desses medicamentos. Em seguida, encontramos os antidepressivos, com 35,6%, e os anorexígenos, com 23,0% de enfermeiros declarando o seu consumo em algum momento da vida (Figura 2).

Ritalina (metilfenidato), Gardenal (fenobarbital), Pervitin (metanfetamina) e a opção outros antiepilépticos apareceram abaixo de 15%.

Analisando mais detalhadamente o consumo de tranquilizantes, sedativos e calmantes, podemos observar que o fármaco mais citado foi o Rivotril (clonazepam). Ao todo, quase 1/3 dos enfermeiros participantes (28,7%) disse ter consumido clonazepam em algum momento da vida.

Cerca de 64% desses enfermeiros que consumiram clonazepam em algum momento da vida concordam

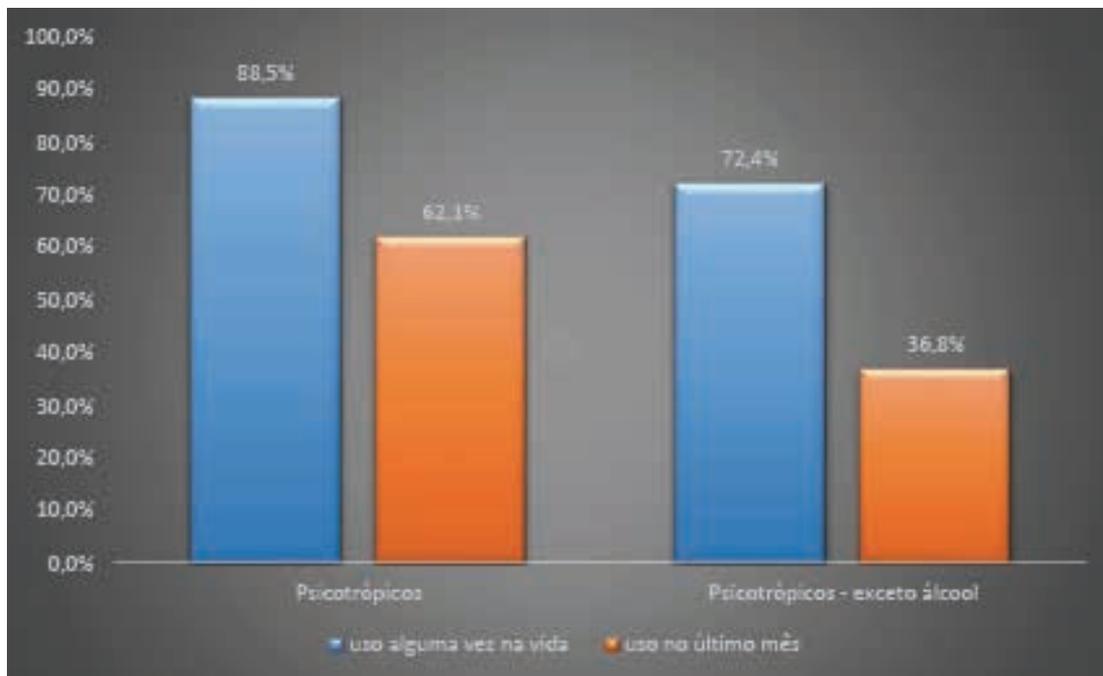


Figura 1 - Porcentagem de enfermeiros que disseram ter consumido psicotrópicos em algum momento da vida e no último mês (valores expressos em porcentagem do total de participantes).

total ou parcialmente que sentem que esse consumo pode ter sido causado por sua atuação profissional. Quando perguntamos sobre os efeitos desse consumo na sua atuação profissional, 40% deles afirmaram que o uso do clonazepam não afetou a sua atuação, e outros 20% disseram não conseguir avaliar se esse psicotrópico melhorou ou piorou a sua atuação como enfermeiro. É importante notar que apenas um em cada quatro enfermeiros (24,0%) sentiram que sua atuação profissional melhorou de alguma maneira com o uso de clonazepam.

Ainda sobre o consumo de clonazepam entre os enfermeiros, quando analisamos a distribuição dos enfermeiros que afirmaram já terem feito uso desse medicamento no último mês, encontramos que mais de 60% deles têm 10 anos ou menos de formados (Figura 3).

Por fim, quando perguntamos sobre quais os motivos do consumo desses psicotrópicos, encontramos que 44,0% dos enfermeiros que fizeram uso de clonazepam em

algum momento da vida citaram a ansiedade como um dos motivos para esse uso; 17,0% citaram distúrbios de sono; e cerca de 13,0% apontaram o *stress* como motivo. Porém, o dado mais importante que encontramos foi que apenas dois dos 25 enfermeiros que afirmaram ter consumido clonazepam fizeram tratamento com um psiquiatra para esse consumo; ou seja, 92% dos enfermeiros que consumiram Rivotril em algum momento da vida fizeram isso sem o acompanhamento de um psiquiatra.

Segundo dados do Boletim Farmacológico do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC), o clonazepam foi o benzodiazepínico mais consumido entre os anos de 2007 e 2010. Em 2007, foram dispensadas aproximadamente 29 mil caixas, e em 2010, o consumo ultrapassou 10 milhões. Vale lembrar que, para a aquisição de medicamentos com esse princípio ativo, a legislação exige notificação de receita B (azul), pois a sua comercialização é submetida a forte controle do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária [Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)].¹⁶

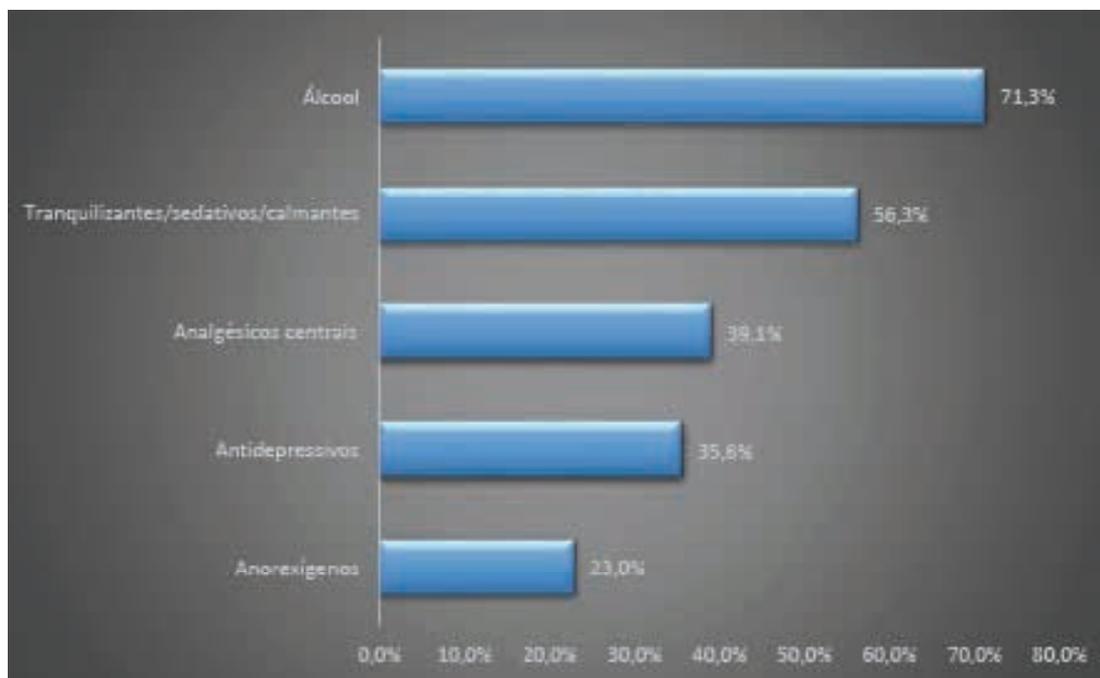


Figura 2 - Porcentagem de enfermeiros que disseram ter consumido psicotrópicos em algum momento da vida (valores expressos em porcentagem do total de participantes).



Segundo Marchi et al.¹⁷, os transtornos de ansiedade têm aumentado consideravelmente nos últimos anos, sobretudo devido às profundas transformações ocorridas no âmbito econômico e cultural que foram acompanhadas por pressões de uma sociedade moderna.

Essas substâncias psicoativas podem causar dependência física ou psíquica e também podem desenvolver outras patologias, porque agem diretamente no sistema nervoso central do usuário.

A segunda classe de psicotrópicos mais citada depois do álcool foi a dos analgésicos de ação central (tramadol e codeína). Ao todo, dos 34 enfermeiros (39,1%) que consumiram algum desses analgésicos, 29 disseram ter consumido tramadol em algum momento da vida, 15 afirmaram ter consumido codeína, sendo que 10 enfermeiros consumiram ambos os psicotrópicos.

De uma maneira geral, os enfermeiros não parecem associar o consumo desses analgésicos à sua atuação profissional. Apenas 32,4% dos que afirmaram terem feito uso de tramadol concordam em algum grau com

essa associação. No caso da codeína, esse número é ainda menor, uma vez que somente 8,8% dos enfermeiros sentem que consumiram esse psicotrópico por conta da sua atuação profissional. Da mesma maneira, apenas 23,5% dos que consumiram tramadol e 11,8% dos que consumiram codeína sentiram que o uso desses medicamentos melhoraram de alguma forma a sua atuação como enfermeiros.

A razão citada para o consumo dessas substâncias, como esperado, foi a dor em 100% dos casos, mas vale ressaltar que razões como cansaço, depressão, *stress* e ansiedade também foram citadas por uma ou duas pessoas.

Quando comparamos o consumo de analgésicos centrais e qualquer momento da vida dos diferentes grupos de enfermeiros segundo o tempo de formação, encontramos que 62% dos enfermeiros que fizeram uso de tramadol têm menos de 10 anos de formados, enquanto cerca de 67% dos enfermeiros que fizeram uso de codeína têm menos de 10 anos de formados. Mas o

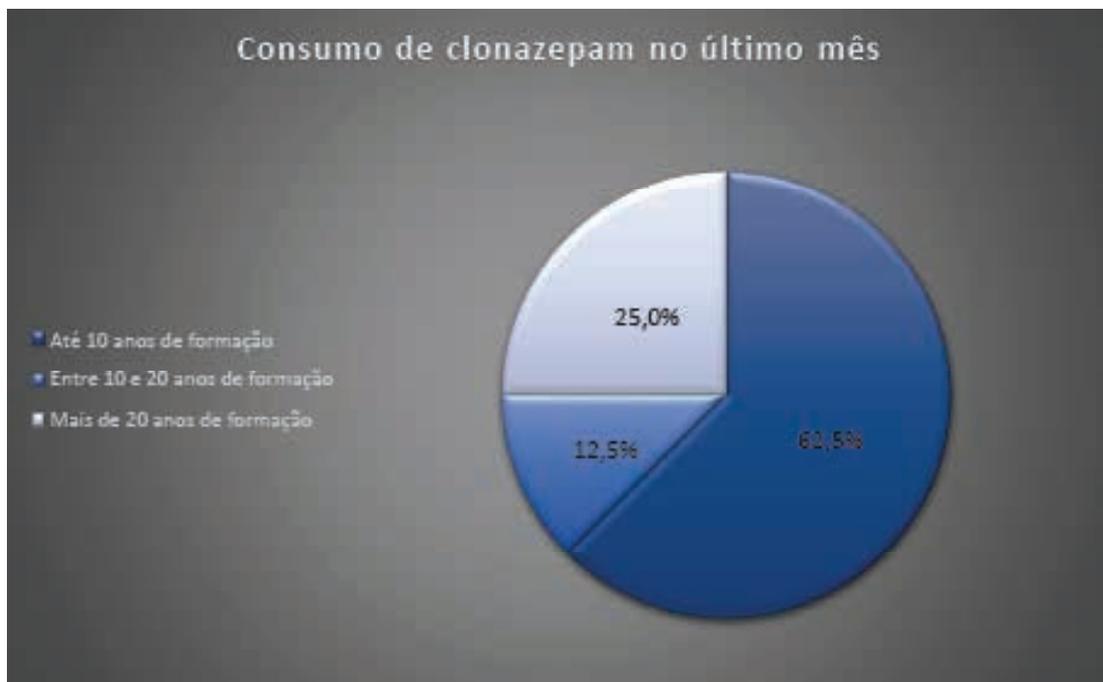


Figura 3 - Distribuição dos enfermeiros que afirmaram ter feito uso de clonazepam no último mês de acordo com o tempo de formação (valores expressos em porcentagem do total de enfermeiros que fizeram uso no último mês).

ALINE BRAGA DE SOUZA
DHARA ROTA ROSSI DE MELLO
CRISTIANE GORGATI GUIDORENI
ODETE ALVES PALMEIRA

dado que mais chama a atenção nesse caso é que 100% dos enfermeiros que disseram ter consumido tramadol ou codeína no último mês têm menos de 10 anos de formados. Nenhum enfermeiro com mais de 10 anos de formação utilizou analgésicos centrais no último mês.

Não foram encontradas relações entre o consumo dessas substâncias e a quantidade de horas semanais trabalhadas.

Alguns estudos apontam que, independentemente de terem problemas de saúde, 47% dos profissionais de saúde referiram uso de medicamentos nos últimos 15 dias, com destaque para os analgésicos (27%)¹⁸. Segundo Barros et al.¹⁹, os medicamentos mais consumidos por enfermeiros foram aqueles para o sistema nervoso (46,7%), aparelho digestivo (15,4%) e os produtos naturais (10%). O subgrupo mais utilizado foi o dos analgésicos (43,4%), seguido dos anti-inflamatórios e antidiuréticos (7,3%) e das vitaminas (6,2%)¹⁹.

Segundo os depoimentos dos profissionais da enfermagem, em um estudo realizado por Baggio & Formaggio²⁰, identificou-se o uso de anti-inflamatórios e analgésicos como as principais drogas consumidas na prática da automedicação, seguido do grupo dos psicóticos. Constata-se, nos estudos acima, que os grupos de medicamentos mais consumidos são aqueles de fácil aquisição, com grande *marketing* para a venda e, principalmente, de alívio rápido dos sintomas agudos.

Uma vez que os nossos resultados mostram que poucos dos enfermeiros referem ter feito acompanhamento com psiquiatra para o uso desses psicotrópicos, a preocupação com a automedicação realizada com esses fármacos aumenta. Segundo Aquino et al.²¹, no Brasil, pelo menos 35% dos medicamentos adquiridos são feitos através de automedicação “Não há quem resista à dor por muito tempo, independentemente da intensidade. Quem faz uso desse medicamento se preocupa apenas em reduzir os sinais e pouco se atenta aos efeitos colaterais”, afirma Lodi.

O uso de analgésicos pode ser consequência de más condições de trabalho, com pouco descanso e distúrbios musculoesqueléticos que levam à fadiga e à necessidade do uso desses medicamentos, resolvendo o problema temporário da dor e se automedicando, o que se torna controverso quanto aos benefícios à saúde dos profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O consumo de psicotrópicos por enfermeiros é um fenômeno potencialmente em crescimento, relacionado a um ambiente de trabalho complexo, envolvendo várias relações humanas conflituosas, ofício e remuneração desfavorável, dado este confirmado na pesquisa com um resultado de 77% dos entrevistados que já fez uso de algum tipo de psicotrópico. Também ficou evidente que os enfermeiros mais jovens e com um tempo de formação menor são os mais vulneráveis, considerando a imaturidade para a autonomia do seu autocuidado e capacidade emocional necessária ao enfermeiro para exercer o cuidado ao paciente. Ressaltamos a necessidade de um olhar de toda a sociedade para essa categoria profissional, a fim de apoiar e valorizar os enfermeiros que cuidam de todos os pacientes, desde a atenção primária até as unidades mais complexas de assistência à saúde. Pois se quem cuida está adoecendo, quem cuidará?

Artigo submetido em 07/01/2020, aceito em 29/01/2020. Os autores informam não haver conflitos de interesse associados à publicação deste artigo.

Fontes de financiamento inexistentes.

Correspondência: Aline Braga de Souza, Rua Theodoro Machado, 85, CEP 23970-000, Paraty, RJ. E-mail: aline_bragaa@hotmail.com

Referências

1. Jodas DA, Haddad MCL. Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário. *Acta Paul Enferm.* 2009;22:192-7.
2. Robazzi MLCC, Mauro MYC, Secco IAO, Dalri RCMB, Freitas FCT, Terra FS, et al. Alterações na saúde decorrentes do excesso de trabalho entre trabalhadores da área de saúde. *Rev Enferm UERJ.* 2012;20:526-32.
3. Fogaça MC, Carvalho WB, Nogueira-Martins LA. Estudo preliminar sobre a qualidade de vida de médicos e enfermeiros intensivistas pediátricos e neonatais. *Rev Esc Enferm USP.* 2010;44:708-12.
4. Kaminski ML. Uso de psicofármacos em trabalhadores de hospitais universitários de



- Pelotas/RS: prevalência e fatores associados [dissertação]. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas; 2010.
5. Kaminski ML. Fatores ocupacionais associados aos componentes da síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem. *Texto Contexto Enferm.* 2011;20:225-33.
 6. Bianchi ERF. Estresse em enfermagem: análise da atuação do enfermeiro de centro cirúrgico [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1990.
 7. Nicoll RA. Introdução à farmacologia dos fármacos que agem no SNC. In: Katzung BG. *Farmacologia básica e clínica: fármacos que agem no sistema nervoso central (SNC)*. 10ª ed. Porto Alegre: AMGH; 2010.
 8. Brasil, Ministério da Justiça. *Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas (Obid)*. Brasília: Ministério da Justiça; 2007.
 9. World Health Organization (WHO). *Global status report on alcohol and health 2014* [Internet]. 2014 [cited 2020 Apr 16]. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/112736/9789240692763_eng.pdf;jsessionid=CEE0BD9B96B4DE2174DAA2F6458B09E1?sequence=1
 10. Lópes-Maldonado MC, Luis MA, Gherardi-Donato EC. [Licit drugs consumption among nursing students at a private university in Bogotá, Colombia]. *Rev Lat Am Enfermagem.* 2011;19:707-13.
 11. Martins ER, Córrea AK. [Dealing with psychoactive substances: the meaning for nursing workers]. *Rev Lat Am Enfermagem.* 2004;12:398-405.
 12. Creswell JW. *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed; 2010.
 13. Vieira GCG, de Brida RL, Macuch RdaS, Massuda EM, Preza GP. *Uso de psicotrópicos pelo enfermeiro: sua relação com o trabalho* [Internet]. 2016 [cited 2020 Apr 16]. online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8118
 14. Kunik D. Substance use disorders among registered nurses: prevalence, risks and perceptions in a disciplinary jurisdiction. *J NursManag.* 2015;23:54-64.
 15. Monroe T, Kenaga H. Don't ask don't tell: substance abuse and addiction among nurses. *J ClinNurs.* 2011;20:504-9.
 16. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). *Panorama dos dados do sistema nacional de gerenciamento de produtos controlados: um sistema para o monitoramento de medicamentos no Brasil* [Internet]. *Boletim de Farmacoepidemiologia do SNGPC.* 2011. https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKewiz18_p3PnoAhVJKLkGHXyxAbMQFjABegQIAHAC&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fprofile%2FDolores_Galindo%2Fpublication%2F276337079_Vidas_Medicalizadas_por_uma_Genealogia_das_Resistencias_a_Farmacologizacao%2Flinks%2F55eeb99908aef559dc43d594%2FVidas-Medicalizadas-por-uma-Genealogia-das-Resistencias-a-Farmacologizacao.pdf&usq=AOVvaw1RJiV58KvnaYByMmn7-FVf
 17. Marchi KC, Bárbaro AM, Miasso AI, Tirapelli CR. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública [Internet]. 2013 [cited 2020 Apr 16]. www.fen.ufg.br/revista/v15/n3/pdf/v15n3a15.pdf
 18. Tomasi E, Sant'Anna GC, Oppelt AM, Petrini RM, Pereira IV, Sassi BT. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. *Rev Bras Epidemiol.* 2007;10:66-74.
 19. Barros ARR, Griep RH, Rotenberg L. Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos. *Rev Latino-Am Enferm.* 2009;17:1015-22.
 20. Baggio MA, Formaggio FM. Automedicação: Desvelando o descuidado de si dos profissionais de enfermagem. *Rev Enferm UERJ.* 2009;17: 224-8.
 21. Aquino DS de, Barros JAC de, Silva MDP da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Cienc Saude Coletiva.* 2010;15:2533-8.